

Estação Amizade

Dez jovens lutando contra o suicídio

© 2017 – Dalmo Duque dos Santos

Estação Amizade Dalmo Duque

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto: Margareth Rose Carvalho

Revisão: Maria da Penha Farias

Colaboração: Verônica E. Duque dos Santos

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-396-9

1ª Edição – 2017

Produzido no departamento gráfico da

EDITORA DO CONHECIMENTO

conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, Dalmo Duque dos

Estação Amizade : dez jovens lutando contra o suicídio / Dalmo Duque dos Santos — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2017.

p. 140

ISBN 978-85-7618-396-9

1. Literatura infanto-juvenil 2. Suicídio – Prevenção – Ficção I. Título

17-0657

CDD – 028-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028-5

Dalmo Duque

Estação Amizade

Dez jovens lutando contra o suicídio



Mesmo que não existisse mais nenhum lugar para onde a gente pudesse fugir, restaria a possibilidade de mergulharmos em nosso mundo interno.

SUMÁRIO

11 – VERÃO, Estação Início, quando o mistério do desaparecimento de Hugo me causa intensa perturbação.

23 – OUTONO, Estação Medo, quando descubro que quatro colegas meus estão escondendo um segredo que pode explicar o desaparecimento de meu amigo.

57 – INVERNO, Estação Dúvida, quando fico sabendo que por trás do segredo existe um problema muito mais grave e que muitas outras pessoas estão envolvidas.

79 – PRIMAVERA, Estação Recomeço, quando as coisas começam a ficar mais claras, definidas, e surgem novas perspectivas para as questões que incomodam todos os envolvidos. Eu consegui, mas quem ainda está inseguro e incerto pode estacionar e aguardar por algum tempo, até que descubra qual destino deve escolher.

117 – EPÍLOGO, quando finalmente consigo reencontrar o meu amigo, e a minha busca termina. Será?

Para cada pessoa uma trajetória.



Para cada trajetória uma estação diferente.



Qual é a sua estação?



Qual o rumo da sua viagem?



Verão

ESTAÇÃO INÍCIO





VERÃO ESTAÇÃO INÍCIO

Quando o mistério do desaparecimento de Hugo me causa intensa perturbação.

14 de maio
SÁBADO



Este é um dia ensolarado, com muita gente na rua, indo à praia, aos mercados, ao centro da cidade.

Levantei cedo, muito cedo para o meu gosto. Detesto acordar de manhã. Faço isso todos os dias para ir à escola. Gostaria de estudar à tarde ou à noite.

Sem fome nenhuma. Saí de casa sem comer nada, e minha mãe perguntou o motivo da pressa. Dei uma desculpa qualquer, mas ela sabia que era mentira. Nem insistiu no café.

Fui pra rua meio sem rumo. Na verdade, sabia aonde ir, mas não encontrei o Hugo. Não esperava mesmo que ele estivesse no lugar de costume. Mesmo assim, fui direto pra lá.

Tinha bastante gente no pátio, mas não vi nenhum conhecido. Fiquei lá por alguns minutos que pareceram horas, e não apareceu ninguém para dar notícias do Hugo.

Nada no Face e nenhuma mensagem no Whats havia mais de cinco dias. Estranho...

Certo, o Hugo já desapareceu outras vezes — ele some por um tempo e reaparece do nada —, mas desta vez faz um tempão sumiu.

Antes alguns chegados davam pistas dele. Agora, não consigo falar nem com os chegados. Todos desapareceram.

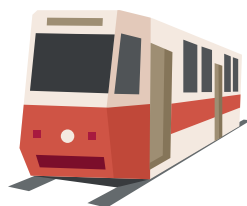
Eu poderia ter ido à estação, mas hoje é sábado... O Quarteto Fantástico certamente não estaria lá, conversando alto e salvando o mundo. Os caras fazem isso de segunda a sexta, sempre na mesma hora. Reunião de confraria. Eles se acham a Fraternidade das Grandes Mentes do Universo. Gostam do Hugo e o tratam bem, mas nunca o aceitam lá. Senão seria quinteto... ou sexteto, se me aceitassem.

Dane-se!!!

O Hugo entregou currículo na semana passada inteira. Será que o chamaram pra algum trampo, pra virar a noite? Era o sonho dele arrumar um trampo desses que viram a noite, dois, três dias seguidos.

Ou será que foi convocado para o quartel? O Hugo tinha certeza que ia ser chamado quando fez o alistamento militar. Estava morrendo de medo de ser convocado. Detestava a ideia de usar farda e obedecer, cegamente, às ordens de cabos e sargentos. Disse que, se fosse convocado, iria fugir. Desaparecer. Preferia virar morador de rua em outra cidade do que servir. Fugiu ou então está preso no quartel, depois de arrumar alguma confusão. Falava que ia cuspir na cara do sargento, se gritasse com ele.

Hugo noia...



Voltei pra casa quando já estava escuro.

Passei o dia inteiro andando pela cidade. Pelos lugares mais conhecidos, claro! Nem quis imaginar que o Hugo pudesse estar escondido em algum bairro longe do centro, na casa de algum conhecido dele. Mas ele não conhecia ninguém desses lugares; não que eu soubesse.

Quando a gente procura alguma coisa, geralmente não acha.

Caraca! Fui a tudo quanto é buraco, encontrei só gente estranha. Ninguém pra dar uma única informação. Pensei: como deve ser difícil fazer investigação policial, ficar atrás de pistas para achar pessoas desaparecidas ou suspeitos de crimes.

Só vi uma conhecida, mas muito de longe. Parecia a Carla, a mina que detonou vários caras lá da escola. Era a Carla, sim. Muito gata, mas cruel. Dava cada lance, mas sempre na dela. Quem se envolveu com a Carla se ferrou. Muito linda. E os caras se apaixonaram. Foram uns três ou quatro. Tudo mané.

A Carla fingiu que não me viu. Virou o rosto. Tive a impressão que ela sabia alguma coisa sobre o Hugo. Foi instinto. Fui na direção dela, mas a garota simplesmente me boicotou. Subiu numa lotação, que nem era a que iria pegar, só pra vazar e não falar nada.

Meu, se essa mina aparecesse agora eu dava um esculacho nela.

Mas lembrei que ela se corta, e sempre vejo a Carla conversando com alguém do Quarteto Fantástico. Devem con-

versar sobre automutilação, e por isso não confiam nas pessoas que não entendem da coisa.

Eles não confiam em mim. Sempre que vejo os caras conversando, todos agem de forma estranha, olhando para os lados, como se trocassem informações sigilosas. Quando chego perto, mudam de assunto e esperam até que eu me afaste. Já tentei ouvir, chegando de surpresa, mas só pego trechos das falas, tipo: “Tô muito mal, me sentindo péssima.”

Quando a Carla fugiu, fiquei meio desorientado e desanimado. Me deu fome. Andei mais de uma hora antes de voltar pra casa.

Os que se cortam fazem isso para aliviar uma dor interna. Foi o que me disse um colega que conhece gente que faz isso. Ele me explicou de uma forma muito interessante o que acontece com meninos e meninas que se ferem com lâminas cortantes: “Uns dizem que é pelo prazer, o que não é verdade, porque se cortar é doloroso, carnal e existencialmente falando. Pode ser também uma forma de marcar as derrotas íntimas ou a incapacidade de enfrentar os problemas. O presidiário marca a parede da cela com riscos. Os jovens riscam o corpo, sua própria cela.” Achei muito curiosa essa explicação. E pude entender melhor o que se passa no mundo deles.



CARLA

A Carla é uma garota estranha. Bonita, mas estranha. Ela se corta. Não sei desde quando ou se já parou. Mas tem marcas. É o que me disseram. As pernas e os braços estão sempre cobertos.

Ela mora com uma tia solteirona, sua madrinha. Os pais são separados e foram viver com outros parceiros, porém nenhum dos dois quis, ou pôde, ficar com a filha. Ou foi a Carla que preferiu viver com essa tia do lado paterno.



O pai, bem mais novo que a mãe, é músico; a mãe sempre foi uma mulher muito bonita, e deve ter sido muito mais ainda quando jovem, como a Carla é hoje. Eles sempre levaram uma vida livre, descompromissada, e parece que a filha nasceu em meio a alguns incidentes.

Essa tia sempre ajudou o casal, principalmente depois que a Carla veio ao mundo. Mas a vida deles só foi piorando. Eles são viciados em drogas e vivem em função disso. Os dois brigavam muito, e chegaram ao ponto de se agredirem com facas. Viviam sendo expulsos de apartamentos alugados, por causa das brigas.

É raro ver a Carla sorrir. Não me lembro de tê-la visto alegre e descontraída. Andava sempre fechada, de cabeça baixa, se escondendo por trás dos cabelos longos e negros. Ela não quer seguir nenhuma carreira. Sempre carrega consigo um livro, obras clássicas de leitura difícil. Adora Alice e ama

A Carla é uma garota estranha. Bonita, mas estranha. Ela se corta. Não sei desde quando ou se já parou. Mas tem marcas. É o que me disseram. As pernas e os braços estão sempre cobertos.

o Chapeleiro. Isso pode ser um indício de que a Carla pensa em ser escritora ou poetisa, e que seus problemas e suas difíceis experiências emocionais formam as condições ideais para a construção de suas futuras obras.

É praticamente impossível escrever sem antes ter sofrido algum dando moral e emocional, dizem os entendidos. Eu gostaria de saber se a Carla tem realmente essa inclinação, e também poder falar pra ela sobre a necessidade que tenho de escrever, como se fosse o alimento da minha alma.

Mas também pode ser apenas depressão, dessas que vêm e se instalam na pessoa como uma sombra escura e permanente. Dizem que é horrível.



Entreí em casa em silêncio. Ninguém na área.

Minha mãe deve ter ido à missa. Chego sempre depois desse horário, pra ela não me convidar.

Até sei rezar, e rezo de vez em quando, mas não fui mais à igreja. Minha mãe falou pra eu ir a qualquer outro lugar em que falassem de Deus, mas prefiro rezar sozinho. Ela colocou uma Bíblia na minha gaveta.

Gosto da Bíblia. De vez em quando leio algumas histórias do Antigo Testamento, como José do Egito, Daniel na Cova dos Leões; e do Novo Testamento: Jesus conversando com Nicodemos e a descrição de Lucas sobre Maria Madalena e outras mulheres. Do Antigo, gosto especialmente do Gênese. Me falaram (o Gabriel) que Moisés escreveu esse texto numa linguagem esotérica (Kaballah) aprendida no Egito,

para que não fosse adulterada na sua essência. Ao ler não consigo perceber isso. É uma matemática textual. Papo do Gabriel, cérebro grego.

Pra minha mãe, o Gabriel é na verdade um crânio oco, que só tem cabeça pra separar as orelhas. Ela não perde a chance de cutucar. Já falei pra ela arrumar um emprego no Face de cutucadeira profissional. Minha mãe diz que o Face é uma miragem do deserto humano, o demônio arrastando todo o mundo pra ilusão das aparências e fantasias.

O som de uma flauta doce tocando Asa branca não me sai da cabeça. Quando voltava pra casa, ouvi alguém tocando isso. O Hugo abominava flauta doce, e essa música era a morte pra ele. Os pais o obrigaram a aprender a tocar flauta e se apresentar numa bandinha da escola, na festa junina. O Hugo tinha muita raiva disso. Preferia apanhar a tocar flauta doce naquela bandinha ridícula, vestido de cangaceiro.

15 de maio DOMINGO

Tá o maior silêncio agora de manhã. À tarde vai piorar. A cidade fica morta, esquisita.

Detesto os domingos. Ou melhor, me detesto aos domingos. Fico perdido e deprimido com essa oscilação de impressões que tenho sobre a manhã, tarde e noite desse dia de descanso pra quem trabalha.

Não deve ser apenas eu que sinto essas coisas sobre esse dia. Impossível ser apenas eu.

